



DE ARTEMISIA A JOVITA: *heroicidade feminina e recepção da Antiguidade Clássica na revista mensal da Sociedade Partenon Literário*

Mariana Soares Zuchetti

marianaszuchetti@gmail.com

Mestranda em História (UFRGS)

Bolsista de apoio à pesquisa científica CNPq

Orientador: Dr. Anderson Zalewski Vargas (UFRGS)

RESUMO: Este artigo busca apresentar parte da pesquisa desenvolvida durante meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o artigo publicado na Revista da Sociedade Partenon Literário no ano de 1869, primeiro ano no qual a revista da sociedade passa a circular, intitulado *These histórica: Jovita é, ou não uma heroína?*, publicado em junho. Seu autor busca argumentar o heroísmo de Jovita, uma mulher que foi voluntária na Guerra do Paraguai comparando-a com diversas mulheres incluindo Artemísia, uma princesa da Antiguidade Clássica que teve seus feitos narrados pelo historiador grego Heródoto, sendo Jovita mais nobre e mais heroica que todas as outras mulheres citadas. Assim, o tema dessa análise é compreender a recepção da Antiguidade Clássica na construção da heroicidade feminina a partir do artigo publicado na revista do Partenon Literário.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção da Antiguidade Clássica; Jovita Alves Feitosa; Guerra do Paraguai; heroicidade feminina; Partenon Literário.

ABSTRACT: This article seeks to present part of the research carried out during my course conclusion work on the article published in the society Partenon Literário magazine in 1869, the first year in which the society magazine began to circulate, entitled *These historica: Jovita é, ou não uma heroína?*, published in June. The author seeks to argue the heroism of

Jovita, a woman who was a volunteer in the Paraguayan War, comparing her with several women including Artemisia, a princess of Classical Antiquity whose deeds are narrated by the Greek historian Herodotus, with Jovita being more nobles and heroic than all the other women mentioned. Thus, the theme of this analysis is to understand the reception of Classical Antiquity in the construction of female heroicity from the article published in the Partenon Literário magazine.

KEY-WORDS: Reception of Classical Antiquity; Jovita Alves Feitosa; Paraguay War; female heroicity; Partenon Literário.

Em 1869, a Sociedade Partenon Literário lançou a primeira edição de sua revista mensal. Um ano se passou desde o nascimento do grupo de literatos fundado na segunda metade do século XIX em 1869. Em junho do mesmo ano foi o publicado o texto *These histórica: Jovita é, ou não uma heroína?* de autoria de Francisco Antunes Ferreira da Luz, médico nascido em Porto Alegre, mas que atuava na província do Rio de Janeiro, e literato que participou da fundação da Sociedade, publicando assiduamente no primeiro ano da revista (HESSEL et al, 1976, p.137). Sua produção pode ser dividida entre poemas e teses históricas como a sobre Jovita. Em relação a personagem, tema do texto de Ferreira da Luz, trata-se de Jovita Alves Feitosa uma jovem cearense que se voluntariou para a Guerra do Paraguai em 1865.

Como o título sugere, o escrito de Ferreira Luz busca debater a heroicidade feminina a partir do exemplo de Jovita. Trata-se de um texto curto com cerca de quatro páginas que pode ser dividido em três momentos. No primeiro momento o autor louva a figura da mulher heroína alegando que:

Jamais na lira dos ardentes gregos, ou nos rudes cantos dos frios bardos do Norte, se ouviram sons tão melódiosos, tão suaves acordes, como quando

celebravam o valor, nesse ser tão delicado que só parece criado para o amor. (LUZ, 1869, p. 8)

Ainda que louvada, nessa primeira parte do texto a mulher adquire a função de mártir que, apesar de reduzida a servidão pelos homens, como poderia ser observado pelo leitor ao analisar as condições da mulher ao longo dos séculos, era capaz de manter sua virtude não sendo apenas mãe e esposa, mas também heroína. Na segunda parte, Ferreira da Luz invoca diversas mulheres heroínas ao longo da história estabelecendo uma relação de comparação que atestam os grandes feitos das mulheres. O autor lista nomes de um amplo espectro temporal indo da Antiguidade à Idade Média, onde está o nome de Artemísia. Na última parte, narra-se uma breve biografia de Jovita, seguida de outras menções a mais mulheres heroínas, predominantemente romanas como Vetúria e as Sabinas, e a defesa de tese de que Jovita seria ainda mais heroica que os exemplos anteriormente citados. Para o presente artigo pretendo me delimitar na presença da rainha Artemísia no texto, já que o autor articula uma relação de comparação entre Jovita e a rainha guerreira que participou da Batalha de Salamina narrada por Heródoto. Assim, procuro compreender como, através da recepção da Antiguidade Clássica pela figura de Artemísia, o autor atribuiu heroicidade à Jovita. A divisão do artigo ocorrerá da seguinte forma: inicialmente escreverei brevemente sobre a Sociedade Partenon Literário e o contexto de seu nascimento, depois apresento o referencial teórico metodológico adotado para a pesquisa, a História da Recepção da Antiguidade Clássica, em seguida apresento informações acerca da vida de Jovita Alves Feitosa e do uso do patriotismo feminino durante a Guerra do Paraguai, por fim analiso a apropriação feita da heroína grega Artemísia por Ferreira da Luz para atribuir heroicidade a Jovita, seguido pelas considerações finais.

A SOCIEDADE PARTENON LITERÁRIO

A Sociedade Partenon Literário foi um grupo fundado durante a Guerra do Paraguai, em 1868, e que atuou até 1879. A Sociedade foi uma das principais aglomerações de intelectuais da província de São Pedro do Rio Grande do Sul (atual Rio Grande do Sul) durante a segunda metade do século XIX. Entre seus ideais constavam o republicanismo, a emancipação feminina, o abolicionismo e o desenvolvimento de uma literatura de cunho regional. Nesse aspecto, o grupo é considerado o pioneiro a introduzir a temática regionalista como tema literário na província segundo pesquisadores da História da Literatura do Rio Grande do Sul como Athos Damasceno Ferreira (1975) e Sérgio Roberto Dillemburg (1987) e influenciado as gerações seguintes. A sociedade também foi um importante espaço de movimentação cultural, fornecendo aulas noturnas gratuitas, biblioteca, saraus e arrecadando fundos para alforrias. O período no qual o grupo nasceu, na segunda metade do século XIX, é marcado pelo surgimento de diversos periódicos literários na província, até então praticamente inexistentes, de vida efêmera, muitas vezes devido às condições econômicas da época. Nesse aspecto, a Sociedade pode ser considerada um marco na história dos periódicos e da vida literária do Rio Grande do Sul em virtude do fato de sua revista ter atuado por cerca de dez anos, divulgando literatura, obras publicadas, eventos culturais, estudos históricos e filológicos entre outros. O grupo era heterogêneo, formado por professores, funcionários públicos, negros e mulheres (SILVEIRA, 2008, p. 16).

A RECEPÇÃO DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Segundo Anastasia Bakogianni, “a recepção dos clássicos concentra-se na forma como o mundo clássico é recebido nos séculos subsequentes e, em particular, nos aspectos das fontes clássicas que são alterados, marginalizados ou negligenciados” (2016, p. 115). Portanto, os estudos de Recepção da Antiguidade Clássica buscam compreender as

transformações pelas quais o material clássico, e da Antiguidade em geral, passam no pós-clássico. Logo, qualquer texto de qualquer período que tenha conexão com a Antiguidade pode se tornar um objeto de estudo (MARTINDALE, 2013, p.170), sendo esse texto qualquer veículo de significação como uma escultura, pintura ou filme (VARGAS, 2020, p. 94). Charles Martindale é considerado um dos principais autores dos estudos de recepção, tendo publicado *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception* no ano de 1993, considerado um manifesto pela sua utilização da teoria da recepção nos estudos clássicos (SILVA, FUNARI e GARRAFFONI, 2020, p. 48)

A recepção da Antiguidade Clássica toma como uma de suas bases a Estética da Recepção, vertente teórica da história da literatura que tem como um de seus autores Hans Robert Jauss. Jauss procurava reformular os estudos de história de literatura que segundo ele, haviam entrado em decadência por terem criado um abismo entre conhecimento histórico e estético (JAUSS, 1994, p. 5). Ainda segundo o autor, seria no processo de recepção que residia a historicidade de uma obra já que pela leitura os textos literários eram atualizados a cada geração (JAUSS, 1994, p. 25). Portanto, o significado de uma obra seria sempre realizado no ponto de recepção a partir do encontro entre leitor e obra (MARTINDALE, 1993, p. 3). A partir disso, a ideia de um significado “original” ou “verdadeiro” de uma obra não se sustenta pois é o processo de recepção que cria significados. Segundo Martindale “nossas interpretações atuais de textos antigos, estando-nos conscientes ou não, são, de forma complexa, construídas pela cadeia de recepções através do qual sua legibilidade contínua foi afetada [...] logo é impossível voltar ao sentindo original”¹ (1993, p. 7). Ou seja, quando lemos uma obra clássica, ou qualquer obra, chegamos à ela com toda uma bagagem intelectual, valores e experiências que nos possibilitam compreendê-la e construir seu sentido. Deve-se

¹ Em tradução livre do original. “The ‘strong’ thesis is that our current interpretations of ancient texts, whether or not we are aware of it, are, in complex ways, constructed by the chain of receptions through which their continued readability has been affected”

lembrar também que a cada geração, uma obra é atualizada, tendo a si sentidos acrescentados e construídos que não podem ser removidos para se voltar ao significado supostamente “original” (MIRANDA, 2022, p. 4).

Os debates em torno da recepção não estão definidos, existindo diversos autores que discutem o tema. Apesar disso, o que procuro destacar é a utilidade dos estudos de recepção para a área da História Antiga, já que seus textos e sua cultura sobreviveram de forma muito fragmentária (BAKOGIANNI, 2016, p.115). Além disso, como afirma Rodrigo Miranda, a partir da Recepção da Antiguidade, estudar a apropriação do mundo Antigo torna-se válido para vertentes mais ortodoxas do conhecimento histórico, constituindo-se uma base para os estudos que buscam compreender como o mundo Antigo ainda hoje é recebido em diversos setores da sociedade:

Amparar-se na premissa que privilegia a experiência estética significa privilegiar como as interpretações se manifestam, o que acaba por atribuir certa dignidade a leituras que os especialistas mais ortodoxos da área dos Estudos Clássicos considerariam abomináveis pelos mais distintos motivos (MIRANDA, 2022, P.9).

JOVITA E A GUERRA DO PARAGUAI

Foram muitas as mulheres que se engajaram, ou tentaram se engajar, na Guerra do Paraguai pegando em armas nas linhas de frente, ou atuando como enfermeiras, costureiras, acompanhando maridos ou filhos. Segundo José Murilo de Carvalho (2019, p. 43), a Guerra do Paraguai gerou um fenômeno patriótico e cívico no Brasil, o primeiro no país; e no Paraguai. Em ambos os países ocorreu a divulgação de um patriotismo feminino; entretanto, a participação das mulheres na guerra divergia entre os dois países. No Paraguai, a participação feminina na guerra foi incentivada pela imprensa, que comparava as voluntárias às guerreiras espartanas, difundindo sua imagem como modelo patriótico a ser seguido, já que em determinados períodos da guerra foram as mulheres que garantiram a defesa do território (ORTOLAN, 2006, p. 85).

No Brasil, apesar da presença das mulheres na guerra ser utilizada como incentivo ao alistamento voluntário, o fato de uma mulher pegar em armas para defender seu país dividia opiniões, uma parte da sociedade defendia a existência de mulheres soldados enquanto outra afirmava que a mulher poderia participar da guerra desde que exercendo as mesmas funções que exercia em casa. (PALLANO, SOUZA e MARIN, 2016, p. 6). Apesar de toda a discussão sobre a participação feminina na guerra, e mesmo que sua participação no confronto envolvendo Brasil e Paraguai tenha sido expressiva, grande parte dessas mulheres foram esquecidas. Jovita foi uma dessas mulheres que se destacaram e acabaram virando notícia na imprensa, tornando-se praticamente uma celebridade em sua época, apesar de posteriormente esquecida.

Jovita Alves Feitosa foi descrita como uma jovem de 17 anos, cearense, que se vestiu de homem para voluntariar-se na Guerra do Paraguai em 1865, mas acabou sendo descoberta e impedida de ir à guerra. A jovem tornou-se praticamente uma celebridade de sua época, sendo convidada para diversos eventos até ter seu pedido negado para se juntar às tropas. A partir de então a jovem foi esquecida pela imprensa, voltando a ser o centro das notícias novamente em 1867, ano no qual suicidou-se apunhalando seu coração, após descobrir que o engenheiro inglês Guilherme Noot, com quem se relacionava havia partido sem avisá-la, suicidou-se apunhalando o coração (CARVALHO, 2019, p. 9). No Partenon, Jovita é retratada como uma jovem cearense que, sem ser “insensível ao elevado sentimento do amor da pátria, que dominava seus compatriotas cearenses, maldiz em um momento de furor a ora em que não nasceu homem para partilhar com eles as fadigas e glórias de uma campanha” (LUZ, 1869, p.8), tendo se apresentado ao presidente de sua província que lhe dá as divisas de sargento. Ao chegar ao Rio de Janeiro, é proibida de marchar junto aos voluntários, já que o governo imperial acreditava que seu patriotismo seria na realidade desculpa para seguir um amante, o que no Partenon é tratado apenas como especulação (LUZ,

1869, p.10). Ao ter seus desejos patrióticos negados, Jovita entrega-se à prostituição e por fim se suicida ao ser abandonada pelo amante. Apesar dos discursos de martírio e heroísmo e o elogio feito às voluntárias da Guerra do Paraguai pela imprensa, não havia interesse em emancipar a mulher e aceitar suas reivindicações por direitos, tratava-se de uma estratégia de difusão de patriotismo, uma vez que “se as mulheres conseguiram tal feito a população masculina ficaria obrigada a superá-las em bravura” (PALLANO, SOUZA e MARIN, 2016, p. 5). Jovita tornou-se assim um exemplo patriótico amplamente divulgado pela imprensa, que servia para o incentivo de recrutamento masculino, tendo inclusive um romance escrito após seu suicídio em 1867, intitulado *Jovita a voluntária da morte*.

“MAIS UMA VEZ COMO EM SALAMINA OS HOMENS COMO MULHERES E AS MULHERES COMO OS HOMENS”: ARTEMISA E A HEROICIDADE FEMININA

No início da *These histórica: Jovita é, ou não uma heroína?* Ferreira da Luz deixa clara a sua opinião sobre a heroicidade feminina “a mulher heroína é sem dúvida, abaixo de Deus, e depois da mulher mãe e da mulher esposa, a mais sublime palavra que se possa pronunciar sobre a terra” (LUZ, 1869, p. 8). Observa-se nesse pequeno trecho a posição da mulher heroína estando abaixo dos dois principais papéis atribuídos à mulher, o de mãe e esposa, refletindo o debate em torno do papel da mulher na sociedade feito pela imprensa. Portanto, o papel de mulher enquanto heroína não substitui os de mãe e esposa vistos ainda como os principais. O papel de heroína surgiria somente em momentos de necessidade quando fosse preciso pegar em armas contra o inimigo da pátria.

Segue-se no texto, uma narrativa de fatos heroicos femininos com destaque para o de Artemisia e de uma expressão dita por Xerxes, governante persa: “os homens se tinham portado como mulheres e as

mulheres como homens!” (LUZ, 1869, p. 9). Tanto Artemisia quanto Xerxes, são personagens da Batalha de Salamina, um dos confrontos entre as *poies* gregas e persas, narrada por Heródoto em sua obra *História*. Para compreender a presença da figura de Artemisia em um jornal literário do século XIX deve-se considerar o prestígio que o mundo Antigo tinha entre a elite letrada da época. Sendo assim, é provável que, o exemplo de Artemisia se configure como uma demonstração indiscutível de heroísmo. Além de ilustrar, a história da princesa que se destacou na batalha de Salamina, seguida pela frase atribuída a Xerxes, possivelmente buscava demonstrar a autoridade e erudição de seu autor por intermédio do domínio de clássicos. Negar o exemplo de Artemisia poderia significar desconhecimento dos clássicos por parte de quem refutasse a narrativa.

Segundo Heródoto, Artemisia foi uma rainha que governou Halicarnasso, Cós, Nisiros e Calidnas, durante o século V a. C. tendo se tornado governante após a morte de seu marido pois seu filho era jovem demais para assumir o governo (Her. *Hist.* VII - 99). A rainha foi uma figura de relevância nos textos da Antiguidade e é possível encontrar referências a seu nome entre o final do século V a. C. até o século XI d. C. marcando presença em escritos de autores como Heródoto e Plutarco, sendo posteriormente esquecida e substituída por Artemisia II, esposa de Mausole e também governante de Halicarnasso no século IV a. C. (SEBILLOTE CUCHET, 2022, p. 53). Existe a possibilidade de que Artemisia fosse uma figura conhecida na região por seu papel como governante de Halicarnasso, e poderia ter existido na mesma época que Heródoto considerando que o autor grego escolheu escrever sobre indivíduos gloriosos, mas ainda próximos temporalmente da sociedade grega da época (SEBILLOTE CUCHET, 2022, p. 37).

A primeira vez que a personagem é mencionada é durante a listagem dos contingentes do inimigo persa. Artemisia seria uma taxiarca, nome dados aos líderes de nível médio e inferior, e é a única a ser nomeada entre os soldados desse nível (SEBILLOTE CUCHET, 2022, p.46). Seguindo-

se os acontecimentos narrados por Heródoto, a rainha de Halicarnasso é descrita como “mais digna de admiração quanto, apesar do seu sexo, quis tomar parte na expedição.” (Her. *Hist.* VII - 99). Ainda segundo o historiador grego, a princesa teria se apresentado a Xerxes com seus próprios navios e agindo como conselheira do rei persa (Her. *Hist.* VII - 99), orientando inclusive o rei a evitar uma batalha marítima contra os gregos pois eles eram “tão superiores no mar às tuas tropas, quanto os homens o são com relação às mulheres” (Her. *Hist.* VIII - 68). Entretanto, Xerxes decidiu seguir a vontade da maioria, apesar de considerar a opinião de Artemísia valorosa.

Contudo, a Batalha de Salamina foi uma derrota persa, e, para escapar com vida da mesma, Artemísia utilizou-se de um artifício: em meio à confusão que se tornou o campo de batalha durante a luta e, vendo que sua retirada estava impedida pelos navios aliados à sua frente, a princesa atirou seu barco contra um aliado, fazendo com que os persas achassem que ela atacava o inimigo grego; e os gregos, por sua vez, vendo que ela atacava um navio das tropas de Xerxes, acreditaram que ela havia se aliado a eles. O plano de Artemísia não foi descoberto e sua estima por parte do rei persa aumentou, fazendo com que Xerxes, segundo Heródoto, falasse a frase também utilizada por Ferreira da Luz: “Os homens estão-se conduzindo como mulheres, e as mulheres como homens” (Her. *Hist.* VIII - 88). Na narrativa do Parthenon, a história de Artemísia é narrada de forma diferente daquela de Heródoto. A Batalha de Salamina é citada, juntamente com a fuga da Artemísia e a fala de Xerxes, mas sem grandes detalhes:

Abri, *crucis detractores* da mulher, se não quereis profanar com incredulidade as escrituras santas, abri o livro mestre da historia, onde perscrutais os crimes que lhe imputais e lede o nome de Artemisa! Vede-a como em Salamina entre os persas que abatidos tomam a fuga, só esta mulher despreza a morte que a rodeia; e qual força ferida pelas flechas do caçador retira-se sempre ameaçadora ao abrigo de seu antro, ela disputando palmo a palmo os louros da vitória, só recua ante o impossível, ufana de sua derrota e fazendo exclamar à Xerxes: que os homens se tinham portado como mulheres e as mulheres como homens! (LUZ, 1869, p.9)

Em ambas as narrativas há o elogio à coragem de Artemísia, contudo enquanto Heródoto descreve o plano da princesa para escapar, Ferreira Luz destaca sua valentia diante da covardia de seus companheiros na guerra, com quem disputava os louros da vitória. A alteração de enfoque é apenas uma das formas da recepção da figura de Artemísia, já que a personagem ser considerada heroína, aos moldes do que o autor concebia enquanto heroísmo feminino, que diferiam daqueles adotados na Grécia de Heródoto, já pode ser considerado uma forma de recepção.

Em sua pesquisa sobre a heroicidade feminina na tragédia grega, Thirzá Amaral Berquó (2015, p. 15) discute a demora do surgimento de um termo em grego para “heroína”, mesmo que mulheres fossem caracterizadas como “excelentes” ou as “melhores” (*áristai*) da mesma forma que os heróis. A concepção de heroísmo grego vinha da glória do herói, sendo seus feitos contados e cantados, lembrados pela eternidade:

O aspecto que define o herói é possuir *kléos* (glória), tendo histórias contadas e cantadas sobre si. Trata-se de seu objeto de vida, atingindo por meio de grandes feitos, os quais perpetuam a sua memória no tempo, imortalizando-o. Logo, a *kléos* é parte da identidade heroica e, simultaneamente, uma identidade social. (BERQUÓ, 2015, p.13)

A “bela morte”, ápice dos feitos, necessariamente em batalha, marcava a heroicidade e imortalidade desse herói, que teria suas façanhas cantadas. Não se esperava que a mulher grega atingisse o heroísmo da mesma forma, mas através de feitos incomuns de sua vida, como o relacionamento com algum deus, o parentesco com algum herói, a morte de maneira incomum ou o pioneirismo em alguma área (BERQUÓ, 2018, p. 30). Todavia, apesar da demora do surgimento do termo, que se encontra em textos antigos somente a partir do século V a. C., não significava que na Grécia antiga mulheres não pudessem ser consideradas heroínas. Personagens como Helena ou Penélope adquiriram um caráter quase divino que as aproximavam dos deuses de forma que tinham o mesmo estatuto que os guerreiros épicos (SEBILLOTE CUCHERT, 2022, p. 42). Para compreender a heroicidade atribuída à Artemísia já em Heródoto

precisa-se recordar um dos objetivos do historiador grego ao escrever *História*, o de narrar os feitos de gregos e “bárbaros” para que esses não caíssem no esquecimento, dessa forma:

Ao selecionar os atos mais gloriosos de seu tempo, ele confere aqueles que os fizeram, e, portanto, à Artemísia, uma estatura e fama digna dos heróis épicos. Aqueles que viveram no mundo das cidades do século VI ou V a. C. foram de alguma forma chamados a participar da glória pan-helênica anteriormente reservada para heróis e heroínas da Idade do Bronze, cenário fantástico de histórias míticas² (SEBILLOTE CUCHET, 2022, p.37).

Dessa forma, ao ter seus feitos imortalizados pela escrita de Heródoto, Artemísia se torna uma heroína juntamente com outras mulheres do épico como Penélope da *Odisseia*, graças a ação extraordinária que realiza enquanto mulher adulta e livre (SEBILLOTE CUCHET, 2022, p. 41) já que o ato de ser nomeada a torna a personagem de uma narrativa e sua transformação em heroína fictícia que se aproxima do épico (SEBILLOTE CUCHET, 2022, p. 42). O fato de estar em uma área onde as mulheres não eram esperadas, o combate, longe de desmerece-la, na narrativa de Heródoto, reforça seu caráter heroico ao lhe atribuir um caráter sobre-humano (SEBILLOTE CUCHET, 2022, p. 43). O que se observa nos escritos de Heródoto e de outros autores da Antiguidade Clássica, como analisado por Violaine Sebillote Cuchet é uma imagem predominantemente positiva de Artemísia que reforçam sua heroicidade, onde seu sexo/ gênero aparece neutralizado e à rainha guerreira são atribuídos valores que eram atribuídos a reis como coragem, astúcia e até valores negativos como tirania e violência, mas nenhum desses valores a fazia menos mulher (SEBILLOTE CUCHET, 2022, p. 75).

Todavia, apesar do predomínio de uma imagem positiva e, por vezes, neutra de Artemísia, nem todos os autores clássicos concordavam

² Em tradução livre do original. “Em sélectionnant les actes les plus glorieux de son époque, il confère à ceux qui les ont réalisés, et ainsi à Artémise, une stature et une renommée dignes de celles des héros épiques. Celles et ceux qui avaient vécu dans le monde des cités du VI ou du V siècle avant J.-C. étaient en quelque sorte appelés à participer à la gloire panhellénique auparavant réservée aux héros et héroïnes de l’Âge du Bronze, fantastique décor des récits mythiques.”

com a visão de Heródoto sobre o ocorrido, um deles foi Plutarco. O também historiador grego divergia da abordagem dada por Heródoto aos feitos dos gregos durante a Segunda Guerra Persa. Para Plutarco, Artemísia não deveria nem ser comentada, pois mencionar seu nome equivalia a enganar os leitores sobre a verdade dos acontecimentos além de diminuir o prestígio dos gregos que lutaram pela liberdade e contra a tirania dos “bárbaros” persas e ao lado desses “bárbaros” estava Artemísia (SEBILLOTE CUCHET, 2022, p. 78). Dessa forma o que deveria ser eternizado e rememorado eram os grandes feitos dos heróis gregos liderados por Atenas e não a presença de uma mulher que com sua astúcia e coragem foi capaz de enganar os futuros vencedores da guerra.

Saindo do período Clássico e retornando e meados do século XIX onde Ferreira da Luz escreveu é possível afirmar, dada a visão positiva desse literato sobre a rainha guerreira de Halicarnasso, que esse autor seguiu a tradição de Heródoto. Artemísia é vista de forma positiva, um exemplo entre tantos outros da história que demonstram a heroicidade da mulher. Apesar de seguir a tradição de Heródoto, a apropriação de Artemísia ocorreu dentro de um processo de recepção, onde os critérios de heroicidade diferem. Para Ferreira da Luz, a heroicidade feminina está a baixo dos deveres socialmente atribuídos à mulher, na época o casamento e a maternidade, como já mencionamos no início desse tópico, além disso a mulher heroína nessa concepção está associada a um sentimento patriótico como o autor mesmo diz:

E todavia a mulher é esse conjunto de virtudes e maravilhas, que não contente em ser a primeira em guiar os nossos vacilantes passos de infante, em ser a nossa educadora, a nossa conselheira fiel na vida, ainda nos oferece suas delicadas mãos para empunhar a lança contra o inimigo em favor de sua cara pátria! Então é ela a mulher heroína! (LUZ, 1869, p. 9)

Tais características ilustram a diferença entre os critérios de heroísmo grego e os definidos no texto de 1869 onde heroicidade está relacionada com o patriotismo das mulheres que, somente em situações onde se é necessário defender a pátria, pegam em armas “agindo como homens”.

Dessa forma, as tarefas domésticas da mulher não são negadas. O heroísmo surge como um elemento à mais no ideal feminino, aceito em momentos restritos, nos quais é necessário defender a pátria. Observe-se que a elogio as figuras como Artemísia e Jovita não significa o reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres. A heroína ainda é vista como naturalmente frágil, ela é “delicada”, um “ser criado para o amor”, a “companheira que Deus enviou ao homem” (LUZ, 1869, p. 8); uma “semideusa”, “tesouro de beleza”, “conjunto de virtudes” (LUZ, 1869, p. 9). A mulher heroína de Ferreira da Luz apesar de realizar grandes feitos e pegar em armas ainda é a mulher idealizada do romantismo, vertente literário em que se insere a Revista da Sociedade Partenon Literário. Além do romantismo, o grupo teve influência do positivismo que defendia a diferença natural entre os sexos, devendo a mulher ser educada segundo suas características específicas (SILVEIRA, 2016, p.245) O grupo de literatos tinha em seu programa a defesa da emancipação feminina, mas essa era uma questão que dividia opiniões mesmo dentro da sociedade onde havia uma defesa da educação da mulher para a maternidade e a como a figura que guiaria os homens para o progresso.

Nesse aspecto, a figura de Artemísia torna-se emblemática e ambígua para o ideal de heroicidade de Ferreira da Luz pois, Artemísia foi heroica pela sua coragem no campo de batalha desprezando a morte que a rodeava (LUZ, 1869, p. 9), mas não lutava ao lado dos gregos, mesmo governando uma *polis* grega, e sim dos persas, enquanto que Jovita voluntariou-se para lutar por sua pátria contra o Paraguai. Qual seria assim o elemento que aproximaria duas personagens tão distantes no tempo e em contextos tão diferentes? Acredito que, além da coragem, o ato de voluntariamente irem para a batalha, um espaço onde não se esperava a presença feminina. Como já foi mencionado, Artemísia juntou-se voluntariamente ao exército persa, e lutou bravamente. Um paralelo pode ser feito entre ela e as voluntárias, como Jovita, na Guerra do Paraguai, que deixaram o âmbito a elas compreendido, o doméstico, para aventurar-se

em um espaço predominantemente masculino. Se pensarmos no uso das imagens criadas sobre as voluntárias da Guerra do Paraguai, como incentivo ao alistamento masculino (PALLANO, SOUZA e MARIN, 2016, p. 5), o comportamento guerreiro continua sendo visto como algo do universo masculino, que seria permitido entre as mulheres somente quando homens agissem como mulheres e as mulheres como homens; ou seja, quando os homens não fossem capazes de arcar com as responsabilidades a eles atribuídas, em nome da defesa da pátria. O heroísmo feminino, visto como necessário em momentos nos quais os heróis estão ausentes é uma característica das heroínas ocidentais, como destaca Eduardo Rabenhorst:

A despeito da extensa galeria de heroínas da cultura ocidental, essas mulheres não se constituem como um alter ego do herói masculino. Na verdade, elas são representadas, por assim dizer, muito mais de modo despersonalizado, assumindo um papel alheio por substituição. Daí que as heroínas são em geral ocasionais, atuando em momentos particulares, quando os homens fracassaram ou estão ausentes (RABENHORST, 2013, p. 92).

Além disso, pelo exemplo de Artemisia permite-se que se atribua heroicidade à Jovita, pois ambas são ressignificadas como exemplos heroicos onde a mulher, por motivos patrióticos ou pela ausência de heróis, assume papéis que não são esperados. Podemos dizer que a aproximação entre Artemisia e Jovita está no fato de que ambas se deslocaram em momentos específicos, para o espaço tipicamente tido como masculino para autores como Ferreira Luz já que, como destaca Rabenhorst, o heroísmo é a própria exaltação de virtudes tidas como masculinas como força e invencibilidade, ou astúcia e sabedoria, percebidas nos heróis de Homero como Aquiles ou Ulisses (2013, p. 87). O que se observa é, pela apropriação da figura de Artemisia um processo de transferência de heroicidade. Sendo Artemisia uma heroína na tradição que segue Heródoto por suas façanhas em batalhas e sendo ela colocada no mesmo patamar que os heróis do épico, porque o mesmo não poderia ser dito de

Jovita que valentemente buscou alistar-se nas fileiras de soldados que iam defender sua pátria na Guerra do Paraguai? Ou melhor, não seria Jovita mais heroica ainda na medida que, diferente da rainha de Halicarnasso, lutava por sua pátria? Dessa forma, a figura de Artemísia destacada pelos Antigos, principalmente Heródoto, como heroína por suas façanhas guerreiras é instrumentalizada para conferir heroicidade à Jovita pelos modernos. Afinal sendo Artemísia uma heroína ao batalhar contra os gregos, igualmente deveria ser heroína Jovita que voluntariamente buscou juntar-se as tropas para defender sua pátria. Tal prática, onde Antigos eram instrumentalizados para atribuir prestígio aos Modernos, não foi exclusiva de Ferreira da Luz ou da Sociedade Partenon Literário. Rodrigo Turin destaca semelhante prática entre os membros do IHGB para escrever a história do recente Império do Brasil que buscavam colocar-se frente a frente com o passado clássico, não para superar os Antigos, mas para transmitir a autoridade do antigo para o nacional (TURIN, ANO, p. 7). Observa-se assim na figura da rainha guerreira de Halicarnasso que divide as páginas de uma revista literária do século XIX com uma jovem voluntária da Guerra do Paraguai a vivacidade da Antiguidade Clássica mesmo séculos após o fim do que cronologicamente se definiu enquanto Idade Antiga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor de *These histórica: Jovita é, ou não uma heroína?* utiliza a relação comparativa entre Jovita e Artemísia para atribuir heroicidade à primeira, questão ainda em discussão na época. Afinal, sendo Artemísia uma heroína por juntar-se à guerra, Jovita, mais heroica ainda, por desejar pegar em armas para defender sua pátria. Logo, observa-se que a heroicidade feminina difundida pelo autor tem caráter patriótico pois a mulher heroína seria aquela que pegaria em armas somente em situações específicas, como defender a pátria. Deve-se ressaltar que a heroicidade feminina não suprime os papéis socialmente aceitos para mulheres na

época, eles ainda continuavam sendo a maternidade e o casamento, vindo a heroicidade abaixo deles. Por fim, o que observamos através do exemplo do escrito de Ferreira da Luz é uma prática comum entre as elites letradas de um passado em construção que se apropriavam do mundo clássico para pensar sua história recente. Assim como Artemísia foi uma personagem de uma realidade próxima de Heródoto, Jovita o foi para Ferreira da Luz. Ao olhar para o passado clássico, distante temporalmente, mas ainda próximo como fonte de reflexão para essas elites letradas, o autor da sociedade Partenon Literário, da mesma forma que o historiador grego, transforma uma mulher, pela narrativa, em uma heroína.

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Her. Hist. – Herodotos, *Historiai* (Heródoto, Histórias)

FONTES

HERÓDOTO. *Histórias*. Disponível em:
<<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/historiaherodoto.html>>. Acesso em:
06 de junho de 2023.

LUZ, F. A. Ferreira da. These histórica: jovita é, ou não uma heroína?. *Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario*. Porto Alegre, p. 8-11. jun. 1869.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKOIANNI, Anastasia. What is so ‘Classical’ about Classical Reception?: Theories, Methodologies and Future Prospects. *Codex: Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v.4, n. 1, p.96-113, 2016.

BERQUÓ, Thirzá Amaral. *Mulheres Indômitas: as heroínas da tragédia grega*. 2015. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CARVALHO, José Murilo de. *Jovita Alves Feitosa: Voluntária da pátria, Voluntária da morte*. São Paulo: Chão Editora, 2019.

HESSSEL, Lothar F. et al. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: Flama, 1976.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

MARTINDALE, *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*. Cambridge: L Cambridge University Press, 1993.

MIRANDA, Rodrigo de. "Nous avons exilé la beauté, les Grecs ont pris les armes pour elle": recepção da antiguidade em "L' Exil d' Hélène", de Albert Camus. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 1-25, mar. 2022.

ORTOLAN, Fernando Lóris. Imagens do feminino na Guerra do Paraguai. *Métis: história & cultura*, v. 9, n. 5, p.83-95, jan/jun. 2006.

PALHANO, Hadylse Maria Lourdes; SOUZA, Rosilene Aparecida Oliveira de; MARIN, Jérri Roberto. A atuação das mulheres na Guerra do Paraguai: entre mitos e história, muitas personagens importantes. In: *ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA*, 13º, 2016, Coxim. Anais. Coxim: [S. l.], 2016. p. 1-13. Disponível em: http://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1478226042_AROQUIVO_AatuacaodasmulheresnaGuerradoParaguaiCOXIM.pdf. Acesso em: 6 jun. 2023.

RABENHORST, Eduardo. Heroísmo no Feminino. *Gênero & Direito*, João Pessoa, v. 1, n. 2, p.86-95, set. 2013.

SEBILLOTTE CUCHET, Violaine. *Artémise: une femme capitaine de vaisseaux dans l' Antiquité grecque*. Paris : Fayard , 2022.

SILVA, Glaydson José da; FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata Senna. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 40, n. 84, p. 43-66, ago. 2020.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon Litterario e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX*. 2008. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. Mulheres e vida pública em Porto Alegre no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 239-260, abr. 2016.

TURIN, Rodrigo. *Os Antigos e a nação: algumas reflexões sobre os usos da antiguidade Clássica no IHGB(1840-1860)*. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/acrh/3748> Acesso em: 1 mar. 2022.

VARGAS, Anderson Zalewski. Recepção da Antiguidade: a tirania de Pisístrato na defesa da monarquia moderada no jornal correio da liberdade (Porto Alegre, 1831). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 40, n. 84, p. 93-117, ago. 2020.